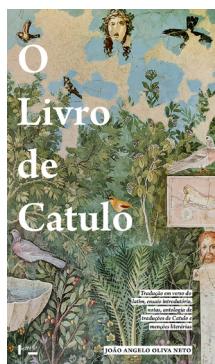




OLIVA NETO, João Angelo. *O livro de Catulo.* Tradução em verso do latim, ensaio introdutório, notas, antologia de traduções de Catulo e menções literárias de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024. 904 pp.
ISBN: 9786557851258

Book Review



Ana Carolina Aquarolli Martins¹

<http://orcid.org/0000-0003-1344-472X>
 ana.aquarolli.martins@usp.br

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i2.65202>



Discorrer aqui sobre a extensa produção escrita de João Angelo Oliva Neto não seria tarefa breve. Tampouco seria simples descrever seu impacto no meio acadêmico. Com publicações constantes desde 1989, incluindo artigos e livros, como *Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina* e o primeiro volume de *Plínio, o Jovem: Epístolas Completas*, e atuação docente em Língua e Literatura Latina na graduação e na Pós-Graduação em Letras Clássicas, seu novo livro — novo, embora seja uma segunda edição — é agora publicado vinte e oito anos após a primeira e trinta e um anos desde que foi submetido como dissertação de mestrado à Universidade de São Paulo. Após esses anos, *O Livro de Catulo* torna-se, hoje, o pináculo para os estudos de tradução no país.

A obra é composta por um ensaio introdutório, por uma explicação básica dos metros empregados por Catulo, pela tradução, por uma antologia de traduções outras dos poemas, chamada

¹ Doutoranda em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo (USP).

“Os Outros, o Mesmo: Antologia de traduções de Catulo”, e por uma última seção, chamada “Catulo na Berlinda”, dedicada àqueles, antigos e modernos, que responderam de alguma forma à persona de Catulo.

Já na primeira parte, são mencionadas a variada elocução do poeta e, por isso, as diferentes reações provocadas por sua poesia. Após uma breve biografia e contextualização histórica do autor, é explicitada a forte influência da literatura helenística sobre a poética catuliana. Como explicado, a incorporação da escrita durante o período e, consequentemente, a visualidade da palavra tiveram grande impacto sobre a produção poética posterior, como a de Catulo².

Em última instância, autores do movimento concretista brasileiro, que buscaram, principalmente nas décadas de 50 e 60, “atingir e explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página; [...])”³, também se dedicaram à tradução de alguns dos poemas de Catulo, como podemos ver na antologia de traduções apresentada ao final — reconstruções de Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, por exemplo. A presença dessas e de outras traduções em língua portuguesa, comentários e referências em prosa e em poesia a Catulo, presentes nas duas últimas partes do livro, permitem não apenas outras leituras dos poemas e, portanto, o contato com outras soluções tradutológicas, mas também leituras dos próprios tempos em que foram produzidas e as influências poéticas que atuaram sobre esses tempos e movimentos literários.

A invenção do escólio, mencionada também, demonstra o princípio de uma relação distinta com o texto primário, um diálogo materializado pela prática de bibliotecários que eram também poetas, como Calímaco de Cirene e Apolônio de Rodes. Esse diálogo revela uma nova visão acerca da relação entre novas composições e a tradição, de tal modo que não poderia deixar de usar as claras palavras de Oliva Neto ao explicá-la: “compor novos textos, cumprir o inelutável apelo de *fazer*, significava referir, mencionar, citar o passado”⁴. A identificação de referências e o conhecimento sobre suas origens cria, assim, também uma nova relação entre as obras e aqueles que as leem. Ao passo que bibliotecários-poetas comentavam as obras de outros autores, eles próprios, enquanto poetas-bibliotecários, imitavam não mais apenas a natureza, preceito aristotélico, mas emulavam outros poemas e poetas, aqueles considerados superiores, autoridades — *auctoritates* — conceito que será incorporado pela retórica latina e amplamente empregado sob a forma de *exempla* em textos de diferentes gêneros.

Essa nova relação ativa com obras do passado, explica ainda Oliva Neto, também proporciona uma renovação quanto aos gêneros antes visivelmente definidos e cujos contornos,

² Oliva Neto, 2024, p. 30-31.

³ Bosi, 1976, p. 527.

⁴ Oliva Neto, 2024, p. 34.

então, borram-se e confundem-se propositalmente, matizando o poema e a poética; àquele, dá-se o nome *poikilia*, a combinação de características de diferentes gêneros, e a esta, o nome *polyéideia*, ao se ver o poeta apto a compor em diferentes gêneros; assim, ocorrem também rupturas de padrões “métrico-temáticos”, como, por exemplo, em poemas iâmbicos quanto à matéria, mas não quanto ao metro⁵. Surgem ainda, criados pelos poetas alexandrinos calimaquianos, novos gêneros condizentes com a brevidade literária requerida pelos novos tempos, como os diminutos epílio (“pequeno *epos*”) e idílio (“pequeno poema descritivo”) e o epígrama como gênero poético. Catulo se apropria desses novos procedimentos literários, inclusive de modo metapoético, por meio de poemas que tratam da própria poesia.

Também o momento político vivido por Catulo na Roma republicana favoreceu a adaptação de “recursos técnicos alexandrinos”⁶ à nova realidade, que permitia as “práticas sociais e coletivas da palavra oral”⁷. Nesse contexto a palavra do poeta é não subjetiva, mas coletiva, e, em Catulo, afora Lésbia, os nomes referidos nos poemas aludem a pessoas reais e, em especial, figuras públicas, que tinham funções públicas, lançando-se, assim, uma nova luz sobre a política e a retórica republicanas, também coletivamente e poeticamente discutidas; no poema 35, por exemplo, é louvado outro poeta, Cecílio, por Catulo. Oliva Neto deixa sempre claro, em especial na introdução, mas também em notas explicativas o constante diálogo entre o passado helenístico e o presente sociopolítico de Catulo e como eles se revelam ao longo dos poemas, permitindo ao leitor e, mais importante, auxiliando-o, entrepassar o texto e suas exterioridades históricas, o que, ao público menos douto nas letras antigas, alvo primeiro da obra segundo Oliva Neto, não costuma fazer parte do repertório de conhecimentos. Bem-sucedido em sua proposição, é apresentada ainda uma lista de termos técnicos que fazem parte da poética catuliana em meio à sua explicação.

O reconhecimento àqueles que também traduziram poemas de Catulo é notável assim como a análise crítica de alguns deles, que também traz à tona alguns dos critérios que de certo modo balizaram a tradução de Oliva Neto, mais adiante explicitados no trecho “Traduzi Catulo”. Apesar de curta a seção, tendo em vista o todo do capítulo introdutório, é elucidativa não apenas acerca deste trabalho de tradução específico, ao discorrer, por exemplo, sobre os metros empregados e experimentados, mas sobre o ofício da tradução de modo amplo, particularmente a tradução de textos antigos; sobre o trabalho de fazer com que sejam vistos “objetos, costumes, valores e crenças”⁸ que um dia existiram para um conjunto de pessoas bem como de que modo teriam sido manipulados pela linguagem poética. Ao trazer-nos, leitores, para o universo poético, somos levados a um

⁵ Isso ocorre, por exemplo, no poema 47 (*Ibid.*, pp. 362-363).

⁶ *Ibid.*, p. 68.

⁷ *Ibid.*, p. 68.

⁸ *Ibid.*, p. 100.

presente do discurso e “contemporâneos, poderemos assistir ao espetáculo, submetidos, também nós, ao tempo das personagens”⁹. Ao mesmo tempo, a tradução permite às obras antigas sobreviver em um tempo em que as línguas em que foram produzidas muito a distanciam da realidade de grande parte dos leitores.

Quanto aos poemas em si, Catulo nos presenteia com uma gama de temas, tão variados quanto o próprio livro que aqui os contém: de poemas líricos de temática convivial, poemas iâmbicos, uns de temática tão vulgar como roubos, a poemas líricos amorosos, epitalâmicos, elegias e outros ainda; e são justamente as notas referentes a cada um deles, muitas, todas as vezes, mas nunca excessivas, que permitem também ao leitor não especialista deleitar-se ao compreender minuciosamente imagens fundamentais à poética catuliana, que tornam verdadeiramente vívidos os poemas, e muito aprazíveis e por vezes jocosas de se ler, o que nem sempre ocorre em gêneros mais elevados. Por outro lado, não é preciso muito esforço por parte de leitores mais doutos para que façam bom proveito da obra, não apenas por ela apresentar, além da tradução, o texto latino, o que, aos latinistas, é sempre benquisto, mas porque o aparato crítico também os serve; a própria bibliografia apresentada é vasta sob medida e atual e será de grande valia também aos estudantes de estudos clássicos.

Assim, a tradução poética apresentada por Oliva Neto de fato contempla leitores de diferentes ambientes e variados graus de formação e consiste, por fim, em uma obra de grande relevância para os estudos clássicos, para a filologia antiga, para os estudos tradutológicos e para todos aqueles que buscam um primeiro contato com a poesia antiga. O trecho de uma das epístolas de Plínio, o Jovem, citado ao fim do prólogo torna-se, uma vez lida a obra, ainda mais preciso no que diz respeito ao livro de Oliva Neto, palavras que aqui reiteramos, embora alterando-as um pouco¹⁰: ao agradar ora mais a uns, ora mais a outros, o livro decerto agradará a todos.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3a ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
OLIVA NETO, João Angelo. **Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina**. Tradução do grego e do latim, ensaios introdutórios, notas e iconografia de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Cotia/Campinas, Ateliê/Editora da Unicamp, 2006.

⁹ *Ibid.*, p. 100.

¹⁰ Diz o trecho original: “na própria variedade tento fazer que umas coisas agradem a uns, outras a outros e algumas talvez a todos” (*Ibid.*, p. 18).

OLIVA NETO, João Angelo. *O livro de Catulo.* Tradução em verso do latim, ensaio introdutório, notas, antologia de traduções de Catulo e menções literárias de João Angelo Oliva Neto. 2^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

OLIVA NETO, João Angelo. *Plínio, o Jovem: Epístolas Completas: livro I, II, III.* Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto; leitura crítica de Paulo Sérgio de Vasconcellos. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Mnema, 2022.

